

## Ser é Ver Sentir: A Surdez falando de si – Videodocumentário<sup>1</sup>

Tiago Remígio CRATEÚS<sup>2</sup>

Raphael Freitas BARBOSA<sup>3</sup>

Fabíola Moura Reis SANTOS<sup>4</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### RESUMO

Este trabalho descreve o processo de elaboração do videodocumentário intitulado *Ser é Ver Sentir – A surdez falando de si*, apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia. Trata-se de um produto audiovisual experimental que apresenta nova perspectiva no olhar sobre a surdez. Nele, os surdos falam de suas particularidades e de seus modos de se relacionar com o mundo. Em suas narrativas, identificamos costumes, língua e usos comunicativos próprios, percepções sensoriais favorecidas e produções imateriais que nos apresentam a surdez não como uma patologia, mas como marca de uma Cultura Surda. Os depoimentos são de surdos e ouvintes, pesquisadores dos Estudos Surdos, de alguns lugares do país e do mundo, colhidos nas cidades de Petrolina - PE e Porto Alegre – RS.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Surda; Videodocumentário; Surdez; Porto Alegre; Petrolina.

### 1 INTRODUÇÃO

A ideia de produzir um videodocumentário sobre Cultura Surda partiu da vivência de um dos autores do projeto, com os surdos na sua cidade natal, Petrolina-PE. Tiago Crateús era intérprete ligado à Pastoral dos Surdos da Igreja Católica desde os 14 anos de idade. Em contato com o colega de curso, Raphael Barbosa, que se interessava pela linguagem audiovisual, o cruzamento entre tema e formato foi se definindo para a produção de *Ser é Ver Sentir*.

O tema no formato se torna absorvente para as interfaces da pesquisa em comunicação, por criar uma aderência entre ciências sociais, mídia e diversidade e cultura. É imprescindível lançar mão de conceitos inovadores para se compreender Cultura Surda.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em Vídeo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e recém-graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia, email: tiagoxmind@gmail.com.

<sup>3</sup> Coautor do trabalho e recém-graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia, email: raphaelbarbosa.ph@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia, email: fabiolamsantos@hotmail.com.

Para nos referirmos à Cultura Surda, mais especificamente, precisamos acolher a surdez reconstruindo novo olhar sobre aquele que não ouve. Isso porque, culturalmente, a surdez foi construída no interior de distintos campos discursivos: clínicos, religiosos, jurídicos, filosóficos e não culturais ou linguísticos. É por esse motivo que toda a concepção dominante acerca da surdez é criada a partir da materialidade e da integridade do corpo humano. Estas concepções são forjadas no modelo de medicalização da surdez.

Quando considerada “uma deficiência auditiva”, particularidades culturais desses sujeitos são reduzidas. Os hábitos e atos comunicativos, por exemplo, que surgem a partir de seu campo de percepção – o visual – têm as línguas de sinais como código que intermedia suas enunciações, expressões, produções de sentido, legadas às gerações dos seus semelhantes.

Em *Ser é Ver Sentir* é possível identificar a surdez e, denominando esse sujeito de que falamos, o surdo, sendo descrito por trás de uma lente antropológica, levando em consideração as identidades produzidas a partir de uma experiência visual com o mundo, de uma experiência linguística específica que lhe marcam culturalmente. Ou seja, “pensar a surdez não como uma questão de audiologia, mas a um nível epistemológico” (WRIGLEY, 1996 *apud* SKLIAR, 2010, p. 10).

Essa abordagem cultural da surdez se prenuncia dentro do campo dos Estudos Surdos. Essa área de pesquisa se dedica às investigações educacionais e de cunho político que, “através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos.” (SKLIAR, 2010, p. 30).

Em substituição à surdez enquanto defeito, na perspectiva do sujeito que se auto-identifica com o seu “mundo”, surge uma surdez como modo de vida, “escolhido”, “assumido” numa situação de formação de identidade.

É nesse cenário de pesquisa interdisciplinar entre o gênero audiovisual – que absorve o mundo performático e gestual dos surdos; e Cultura Surda – que se prenuncia epistemologicamente dentro da Antropologia, que *Ser é Ver Sentir* se propõe a identificar os artefatos produzidos por este sujeito marcado por uma língua específica e por uma percepção visual do mundo.

## 2 OBJETIVO

O objetivo deste experimento é contribuir para a compreensão acerca da Cultura Surda. Nesse sentido, ao permitir que os Surdos definam como se veem, é possível refletir sobre como a surdez é inscrita nas narrativas sobre si mesmos, como ela é sentida entre seus pares, possibilitando que a surdez fale de si e revele suas marcas culturais.

### 3 JUSTIFICATIVA

O documentário é um gênero cinematográfico de forte caráter autoral, que se propõe a tratar de um recorte da realidade com mais profundidade. O videodocumentário se elege para o nosso objeto de estudo pela sua aquiescência e liberdade autoral, e por fazer com que experiências individuais ou coletivas ganhem cor, movimento e tela.

Os depoimentos, a subjetividade, as memórias, a identidade dos personagens, suas impressões universais e particulares do mundo, encontraram espaço no documentário para construir melhor sentido e ilustração. Por tratar-se de um documentário que contém depoimentos de surdos, o campo de expressão gestual da Língua de Sinais Brasileira, registrado em vídeo, tornou-se um ganho audiovisual.

O videodocumentário admite intervenções autorais que facilitam a condução da temática e dão nitidez ao esboço reflexivo sobre a Cultura Surda e suas questões mais elucidativas: como é ser surdo, que conceito de cultura nos dá suporte teórico, o que os surdos dizem de si mesmos – plano de roteiro fundamental de *Ser é Ver Sentir*.

A principal função do documentário – que parece unânime entre documentaristas – é a de estabelecer uma ligação entre os receptores da mensagem transmitida e o autor da obra, capaz de proporcionar uma reflexão sobre os fatos cotidianos.

De acordo com Manuela Penafria (2001, p.6), o documentário tem o dever de suscitar novas formas de pensar e refletir em seus espectadores, mantendo importantes elos entre fato e contexto. Para a autora, o documentário proporciona o diálogo sobre diferentes experiências e conjunturas sociais, apresentando “novos modos, de ver o mundo, ou, de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêem ou lhes escapa”.

A Universidade Estadual da Bahia foi servida pelo ineditismo da pesquisa, que a título de observação, se inspirou no eixo dos Estudos Surdos eminente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e da Universidade Federal de Santa Catarina –

UFSC, configurando um importante tributo para o acervo de trabalhos de conclusão de curso e um incentivo para aprofundamentos nessa área de pesquisa.

*Ser é Ver Sentir* ao aproximar as áreas de Cinema e Jornalismo, elucida o tema da surdez, em formato audiovisual, possibilitando maior difusão da pesquisa e contribuindo para uma formação mais crítica sobre a surdez. O videodocumentário percorre por histórias de vidas e por depoimentos pertencentes à área dos Estudos Surdos até o instante em que respostas convincentes sejam dadas à questão principal: existe uma cultura surda?

O nome do videodocumentário, com verbos no modo infinitivo, se traduzidos para a língua de sinais na ordem em que estão, e classificados adequadamente, equivalem, semanticamente, a uma aproximação com a frase: “O ser que vê e sente”. Essa característica dos sinais, de terem conotação diversificada é uma riqueza linguística e, curiosamente, se constitui uma marca cultural.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

As primeiras imagens foram de registro do evento *Setembro Azul – Semana de Valorização da Libras* (Língua Brasileira de Sinais), que aconteceu no período de 22 a 26 de setembro, em Petrolina (PE). A programação contou com palestras sobre temas ligados à surdez e à valorização da Libras. No dia 26/09 (Dia Nacional do Surdo), houve uma passeata que percorreu as principais ruas do centro da cidade. O registro desse primeiro evento foi importante para definirmos os enquadramentos necessários à nossa proposta audiovisual e a estratégia de coleta dos depoimentos.

Os personagens falam de forma bastante espontânea, não estabelecemos uma relação de entrevista com nossos depoentes. O tema central “Cultura Surda” era apresentado e os depoentes discorriam livremente sobre o assunto. Em momentos pontuais interagíamos no sentido de fazer cada depoente voltar-se a um discurso contundente com sua linha de pesquisa ou sua história de vida, por exemplo.

A nossa experiência em filmar eventos com participação de surdos, tanto no *Setembro Azul* bem como no *Festival Brasileiro de Cultura Surdas*, sediado em Porto Alegre, nos possibilitou adquirir técnicas de enquadramentos específicas para abarcar as conversas em Libras. Para essas filmagens, utilizamos enquadramentos em Plano Aberto e Plano de Conjunto, com a intenção de registrar os aspectos visuais da Libras, quando utilizada em conversas em grupo.

Para os depoimentos individuais, com depoentes surdos, utilizamos o Plano Americano com os personagens de pé frente à câmera. O Plano Americano nos permitiu um recorte mais aberto da cena, de modo a não deixar perder nenhum gesto da língua de sinais. O olhar voltado para a câmera revela o desejo de uma aproximação do depoente com o telespectador (uma conversa direta – um diálogo através da mídia televisiva). O fato de estarem de pé para conversar é cultural dos sujeitos surdos, pois permite melhor gesticulação e utilização do corpo na comunicação.

Durante o *Setembro Azul* tivemos o desafio de registrar uma passeata, o que nos exigiu rápida mobilização, atenção para os detalhes e criatividade nas tomadas de cenas. Para tanto, optamos por movimentos de câmera em Panorâmicas e a utilização do *Travelling* Ótico Horizontal. O Plano Aberto foi predominante para mostrarmos a evolução da passeata. Na composição das imagens do vídeo prezamos, sempre, pelas tomadas com profundidade de campo, e recorremos ao Plano Médio no registro de interação entre os personagens da cena.

A todo o tempo, o enredo de *Ser é Ver Sentir* se vale de discursos subjetivos, que se apresentam nas entrelinhas do videodocumentário, no sentido de provocar no telespectador uma aproximação com a surdez. O fato de gravar o depoimento da surda, Helayne Cardoso, em janelas propõe uma metáfora com a expressão “abrir uma janela”, no sentido de dar a ver algo novo, ou mesmo, de dar acessibilidade aos surdos, através da disposição de Janelas de Libras, por exemplo. Nesse sentido, também, o vídeo se vale de efeitos sinestésicos, reivindicando um silêncio que emerge o telespectador ouvinte no mundo da surdez. A presença das imagens é preponderante e “substitui” a presença dos sons, provando que é possível comunicar no silêncio. O silêncio está presente em quase todo o videodocumentário, os depoimentos de ouvintes, claro, permaneceram com áudio. Em quase todos os outros momentos não temos sons, eles acontecem em momentos esparsos, para apresentar algum ruído específico ou para servir a outro propósito sinestésico, que contraria o silêncio.

Como saída para utilizar depoimentos de surdos cobertos por imagens, produzimos uma malha fílmica composta por três telas de cenas que acontecem simultaneamente e depois se dispersam, permanecendo a cena central. Na maior tela temos o depoente e nas outras duas menores, localizadas na lateral, temos as imagens de apoio. Esse dispositivo foi usado em uma cena de Karin Strobel, como recurso de cobrir seu depoimento com imagens sobre o que ele se refere. E utilizamos o mesmo dispositivo para Sandro Pereira, no

momento em que sinaliza uma poesia em Libras. O sentido da poesia surda está na sua composição visual, fazer a tradução para uma língua oral, dessa manifestação literária, geraria uma perda ou distorção do sentido poético.

Para produtos audiovisuais com relatos orais, cobrir a sonora com imagens, nada mais é do que fazer aparecer outras imagens enquanto o sujeito da cena desaparece, mas permanece como voz *off*. Com declarações em língua de sinais esse é um artifício impraticável, a não ser que se estivesse dublando a fala do surdo – o que não foi a nossa escolha, já que estamos – também – problematizando o reconhecimento e difusão das línguas de sinais.

A edição aconteceu em duas etapas. Concluímos a edição primeira do vídeo para, só depois, gravar as traduções do intérprete, e editar a composição final do produto – dispondo de legenda para os ouvintes e de janela de Libras para os surdos.

Gravamos com o intérprete, Neemias Santana, as traduções para a Língua de Sinais Brasileira, das sonoras dos depoentes ouvintes presentes no vídeo. Isso tornou o nosso videodocumentário acessível para os surdos brasileiros. Ficou a cargo do intérprete, também, traduzir e interpretar os depoimentos em Libras para a Língua Portuguesa. Essa tradução compõe a legenda do vídeo.

Importante ressaltar que as diretrizes para gravação da Janela de Libras, dispostas na NBR 15290:2005, foram seguidas a risco. Fato raro entre os produtos audiovisuais, que ofertam o recurso. Em geral, não atendem ao tamanho ideal da janela, especificado como sendo, no mínimo, metade da altura e a  $\frac{1}{4}$  da largura do vídeo

A organização da ordem dos depoimentos e as imagens de apoio foram surgindo após a inserção de cada depoimento, ao final inserimos as imagens de apoio. A disposição dos depoentes foi pensada pela aproximação dos conteúdos dos discursos. A inserção dos depoimentos foi feita, preferencialmente, alocando os depoentes de forma intercalada, de modo a não tornar cansativa a presença de nenhum personagem. O desenvolvimento do vídeo é conduzido por depoimentos de surdos e ouvintes ligados por suas temáticas, e, sutilmente, guiados pelas declarações de Karin Strobel, sobre os artefatos da cultura surda.

A introdução da janela de Libras e da legenda foi o último passo de toda a composição do vídeo. Devido à composição lingüística da Libras contar com expressões faciais e gestos, que acontecem de forma simultânea, a velocidade e dinamicidade das línguas de sinais é superior à línguas orais. Por esse fator, a legenda do videodocumentário exige leitura rápida e atenciosa.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Durante a pré-produção investigamos as produções fílmicas que tinham em seu enredo algum semblante da surdez. Entre essas produções, encontramos documentários e filmes de ficção, contornados por algum traço da cegueira ou da surdez para que montássemos um repertório videográfico capaz de nos sensibilizar para a edição do produto final.

Falar de cultura surda se nos apresentava como uma investida temática cheia de riscos. O estudo sobre a educação dos surdos engendra os estudos culturais surdos. Fato é que, nossa escolha final, sendo a de dar “licença” à surdez para que “ela” se defina, culturalmente, só foi possível depois de revermos leituras e analisarmos, diversas vezes, que caminho trilhar.

Para se definir, a surdez, primeira marca cultural desses sujeitos, precisava “olhar de frente” para a câmera. Os surdos depoentes deveriam ter consistência discursiva para falar de sua força cultural, como ela é sentida, como pode ser tateada, percebida, transmitida. Queríamos falar sobre cultura surda. Os Estudos Surdos se concentram em academias com missão para essa pesquisa. Por esse detalhe, o tema nos exigia personagens acadêmicos, sobremaneira.

Em Petrolina, a Escola Estadual Professora Adelina Almeida é uma das pioneiras na educação especial. Ali era um local de diversos personagens possíveis, pessoas sensíveis aos Estudos Surdos, profissionais de grande bagagem em Língua de Sinais, surdos talentosos, egressos do curso de licenciatura em Letras Libras, um local de conforto cultural para conversarmos sobre a ideia do documentário. Fizemos visitas anteriores às gravações para conversar com os professores sobre nosso trabalho acadêmico, o que ele pretendia e ouvirmos o que eles tinham para dizer.

Numa dessas visitas, tomamos conhecimento do Festival Brasileiro de Cultura Surda, que iria acontecer em novembro de 2011, na Universidade Federal do Rio Grande dos Sul, UFRGS, em Porto Alegre - RS. Não estávamos contando com uma viagem para tão longe, nem tínhamos conhecimento de um evento desta natureza, a ocorrer exatamente durante nossa pesquisa de roteiro. Ao ver a programação do Festival (temas de debates, palestras, oficinas, presença de pesquisadores nacionais e estrangeiros), vislumbramos vários depoimentos sobre “sentir-se surdo”, “estar na pele do surdo”, “que cultura surda é



essa”, “ver e expressar com a alma” – reflexões que “ligam as luzes” e “abrem as janelas” para contemplar as dimensões do tema.

Sem dúvidas de que enriqueceria nosso videodocumentário, uma vez que ele se veste de ineditismo, começamos a pensar o roteiro a partir da decisão de irmos para o Festival Brasileiro de Cultura Surda: o primeiro resultado de várias pesquisas sobre o mapeamento do consumo, produção e circulação dessa cultura no Brasil.

Os depoimentos colhidos na UFRGS expõem alguns aportes científicos dos Estudos Surdos, no Brasil e no mundo, revelam produções e marcadores culturais da surdez.

Nossas imagens foram feitas em Petrolina – PE e Porto Alegre – RS. Em Petrolina, onde tivemos mais tempo para filmar, buscamos os depoimentos de pessoas engajadas em associações de surdos. Este requisito é também um crédito para os personagens haja vista que o ambiente das associações de surdos é a fonte cultural, o lugar onde a língua de sinais é fluídica, a comunicação entre si é perfeita, as questões e lutas políticas são discutidas e as identidades se formam, pois encontram os seus pares. Nessa cidade, filmamos com Helayne Cardoso, Joyce Alencar, Bruno Teixeira, Diele Marinho, Jael Gomes e Vitória Silva. Cada um falou sobre sua história de vida, histórias que deixam um relevo, uma diferença ao perceber o mundo e interagir com ele, o “jeito do surdo”.

Em Porto Alegre – RS, no Festival Brasileiro de Cultura Surda, filmamos com professores universitários que desenvolvem pesquisas na Língua de Sinais e sobre Cultura Surda, a exemplo de Professora Dra. Ronice Muller de Quadros, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; professora Dra. Lodenir Karnopp, da UFRGS; Professora Barbara Gerner de Garcia, da Universidade de Gallaudet em Washington D.C, nos Estados Unidos; Professora Dra. Orquídea Coelho, da Universidade do Porto, Portugal. Outros ícones da história dos surdos no Brasil, Karin Strobel, Presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS; Shirley Vilhalva, Mestre em Linguística e pesquisadora das línguas de sinais emergentes numa aldeia de índios surdos do Mato Grosso do Sul; Professora Dra. Marianne Stumpf, professora da UFSC e coordenadora geral do Curso de Letras Libras na mesma universidade; Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rachel Sutton-Spence, especialista na área de Língua de Sinais Britânica, na Universidade de Bristol, Inglaterra e André Reichert, professor da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM de Santa Maria – RS. Todos esses possuem livros publicados ou artigos conceituados dentro dos Estudos Surdos, o que fez com que suas falas fossem específicas sobre suas impressões e saberes



ligados ao tema e suas histórias de vida, como surdos, ou, como profissional ouvinte atuante no contexto da surdez.

Outros depoentes selecionados de Porto Alegre foram Sandro Pereira, ator e poeta surdo de São Paulo, capital, e Rosana Grasse, professora do Instituto Nacional de Educação dos Surdos, Rio de Janeiro, capital.

Como é comum às produções videodocumentais, o roteiro se reescreveu diversas vezes até sua montagem. O interesse de delinear o “mundo dos surdos” não podia se submeter a uma versão pré-definida de como recortar suas falas. Por esse motivo, as edições foram milimétricas, cortes com *frames* específicos devido aos movimentos performáticos das línguas de sinais.

O critério-guia para a seleção dos entrevistados foi a concisão de suas falas e a capacidade de associá-las às subjetivações do ser surdo e de exprimir domínios sobre Cultura Surda.

O período das filmagens foi de setembro de 2011 a dezembro de 2011.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A produção de *Ser é Ver Sentir* nos permitiu entrar em contato com uma área do conhecimento diversa das ministradas no Curso de Bacharelado em Comunicação Social: os Estudos Surdos. Apropriamo-nos de conceitos desconhecidos, nos rendemos à abordagem cultural antropológica dos sujeitos surdos, desvelando em nós mesmos, consciência sobre circunstâncias cotidianas que envolvem o sujeito que não ouve.

O ganho humano deu as mãos ao ganho científico. Educar o olhar sobre uma minoria linguística, cheia de expressões que vertem do seu intelecto movido pelas imagens, é sem dúvida a missão desse produto final que, em sua concepção, já havia sido servido de futurismo, ousadia e coragem.

Mais do que um produto audiovisual que proponha recriar a imagem sobre este outro, o ser surdo, este é um compilado de concepções sobre identidade, educação, cultura, linguística e comunidade.

Os instantes com as nossas fontes, enquanto elas sinalizavam suas narrativas de vida, seus estudos científicos, nos mostrou requisitos essenciais ao exercício do jornalista: reconhecer-se incompleto, dar voz aos que nos interpelarem, aprimorar as relações humanas

e saber falar sobre o que querem “dizer” as minorias. Os surdos querem ser vistos como surdos, como sujeitos que produzem uma cultura.

É claro que outras pesquisas deverão suceder este material, aqui apresentado com o emblema do ineditismo, e esclarecedor para áreas com aderência à comunicação: as ciências da educação, por exemplo.

A continuidade deste trabalho será a partilha do material com as academias adjacentes, com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, com o Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e com a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, por serem precursoras nestes estudos sobre Cultura Surda.

Podemos afirmar que, para além do Departamento de Ciências Humanas III, da Universidade do Estado da Bahia, fomos, vimos e sentimos Cultura Surda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNADET, Jean Claude. O Documentário. In: COHN, Sérgio (Org.). **Cinema: Ensaios fundamentais**. Rio de Janeiro: Beco do Azouque, 2011, p. 123-144.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Editora Papirus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. **O documentarismo do cinema: Uma reflexão sobre o vídeo-documentário**. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 04 de janeiro de 2012.

PENAFRIA, Manuela. **O Filme Documentário: História, identidade, tecnologia**. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: \_\_\_\_\_. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998b. p. 7-32.